

NO PALCO DA VIDA OS ARTISTAS DE RUA: A VIVÊNCIA DOS ARTISTAS DE RUA DA CIDADE DE CRICIÚMA-SC

Jaqueline Dal Toé

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
daltoejaqueline@gmail.com

Carolina Rodrigues Felisbino

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
carolinafelisbino@hotmail.com

Tainá Mendes Dias

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
taiimendees@hotmail.com

Tamires Coelho Frasson

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
TAMIRESEFRASSON@hotmail.com

Amanda Castro

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
amandacastrops@gmail.com

RESUMO

O presente artigo teve o objetivo de realizar uma análise sobre a vivência de 5 artistas de ruas da cidade de Criciúma localizada em Santa Catarina. O método utilizado para o desenvolvimento do artigo foram a observação de campo, uma entrevista semiestruturada com 5 perguntas, realizadas com os artistas de rua e revisão bibliográfica de artigos científicos relacionados a temática. Através da observação de campo e das entrevistas realizadas foi possível identificar que os artistas de rua escolhem esta forma de expressar a arte não apenas por necessidade, mas por estilo de vida, preceitos ideológicos e valores. Entretanto, ainda sofrem frequentemente preconceito e desvalorização da população, da própria classe artística, e lidam com a falta de apoio e suporte do município..

Palavras-chave: Artistas de Ruas. Preconceito. Classe Artística.

ABSTRACT

The present article had the objective of analyzing the experience of 5 street artists from the city of Criciúma, located in Santa Catarina. The method used for the development of the article was field observation, a semi-structured interview with 5 questions, carried out with street artists and bibliographical review of scientific articles related to the theme. Through the field observation and interviews, it was possible to identify that street artists choose this way of expressing art not only by necessity but by lifestyle, ideological precepts and values. However, they still often suffer prejudice and devaluation of the population, from the artistic class itself, and deal with the lack of support and support of the municipality.

Keywords: Artists of Streets. Preconception. Artistic Class.

1. INTRODUÇÃO

É muito difícil conceituar a arte de rua, visto que trata-se de uma expressão cultural onde o próprio artista é o protagonista, mas de certa forma, podemos nos referir que não se tratam de pedintes, nem simples vendedores, ou alguém que procura uma “forma fácil” de trabalhar, como são vistos por muitos, mas são trabalhadores, que encontraram nas ruas a essência para se expressarem através da arte, seja ela através de contorcionismo, acrobacias, truques com animais, com cartas, ventriloquismo, danças, recitais de poesia, apresentações de música, estátuas vivas, teatros, danças, grafite e artesões, dentre outros que possibilitam tornar a cidade mais colorida e atrativa e enfeitam com utensílios cada um que aprecia e valoriza este tipo de arte.

A arte que é expressada pelos artistas de rua, pode ser encontrada em diversos centros urbanos. Praças, ruas e sinaleiras são alguns dos locais onde se concentram a maior parte de artistas de rua. Alguns utilizam esses locais para expor as artes prontas e outros costumam fabricá-las até mesmo no próprio local como no caso dos artesãos, que foi o público entrevistado para a construção do trabalho.

Nos dias atuais há uma enorme quantidade de objetos que se pode definir como artesanato. Estes são produtos do fazer humano em que a utilização de equipamentos e máquinas torna-se praticamente dispensável, utilizando essencialmente as mãos. Dessa forma, podemos dizer que o objeto artesanal é definido por dois fatores principais: o primeiro, é que o processo de produção é basicamente desenvolvido manualmente, segundo, é a liberdade que o artesão tem para desenvolver o seu produto, conforme sua cultura, opinião, sentimento, lhe dando forma com o coração. Assim sendo, o artesanato não é “mera mercadoria”, mas traz embutido em si valores, culturas e crenças.

A cultura de uma sociedade é formada pela produção de seus bens e valores, que através das coordenadas cronológicas e cosmológicas caracterizam as identidades das pessoas. A atividade artística, por excelência uma das manifestações culturais mais expressivas de uma sociedade, oferece exemplos dos diferentes modos de percepção e apropriação da realidade (Bomfim, 1999, p. 151).

Dessa forma, para Diniz e Diniz (2007) o trabalho desenvolvido pelos artesãos são diferentes formas de manifestações de expressões, algumas com qualidades singulares e de caráter inovador, não aparecendo em outras regiões. Santos (2013) concorda, ao dizer que o artesanato se expressa com aspectos particulares do local, da vida do artesão e de tudo que este carrega consigo. O artesanato é uma das formas de

manifestação da vida comunitária, é um tipo de produção pessoal e voluntária, desse modo conceitos de artesanato e tradição andam juntos.

A história da arte de rua não aparece como algo concreto e não possui muitos registros, visto que envolve uma ampla diversidade de classes de arte. Há indícios de acordo com o próprio movimento Artistas na Rua (2017) de que a história da arte de rua começa através de relatos acontecidos na Grécia pré-socrática, quando os Aedos homéricos, cantores que discursavam em versos e música, percorriam a Grécia contando lendas e tradições populares através da música, propondo entretenimento e mobilização ideológica. Desse modo, todos os movimentos artísticos iniciais foram marcos para o desenvolvimento da arte que observamos hoje em nosso meio social. Sendo aprimorada e renovada, porém partindo desta essência (Artistas na rua, 2017).

A sociedade em que vivemos no momento atual é marcada pelo capitalismo, onde cada um precisa, de alguma forma, dispor de recursos econômicos para sua sobrevivência. Com isso, muitas pessoas resolvem buscar formas alternativas para suprir essa necessidade, entretanto, existem alguns que escolhem esta forma de trabalhar por amor a cultura e pelo seu valor simbólico e existencial para o sujeito, e ainda segundo Murente (2005) muitos artistas de rua relatam sobre a satisfação de terem maior liberdade no seu trabalho, sem chefia, com horários flexíveis.

Observa-se que os artistas de rua não trabalham apenas com o intuito de possuir uma renda, mas utilizam as ruas para fazer as apresentações e oferecer entretenimento para os espectadores e colorir a vida das pessoas com seus artesanatos, mesmo que eles não reconheçam e apoiem o trabalho (Buscariolli, Carneiro, & Santos, 2016).

O trabalho informal dentro de um cenário capitalista não possui valorização e permanece salientando as desigualdades sociais, culturais e econômicas presentes, como relata Costa (2010, p. 187):

A desocupação, o subemprego, o trabalho informal, o emprego regulamentado, mas de baixíssimos salários e poder de barganha, são problemas centrais na sociedade brasileira e estão no âmago de suas profundas desigualdades estruturais, marca de um padrão de acumulação concentrador de renda e perpetuador da pobreza

De acordo com Buscariolli, Carneiro e Santos (2016), os artistas de rua costumam constantemente enfrentar dificuldades, tanto pessoais como profissionais

(artísticas). Dificuldades em relação ao tempo, como calor e frio, períodos sem nenhuma ingestão seja de água ou comida e o fato de não possuir sanitários públicos próximos a eles. Também segundo os autores, foi observada a falta de segurança que esses artistas possuem, pois, os mesmos ficam expostos à riscos voluntários ou não, nos locais escolhidos para exercer suas funções, como nas sinaleiras, por exemplo. Geralmente, os ambientes escolhidos se dão pela quantidade de pessoas que transitam, pois haverá mais chances de receber dinheiro pela sua arte ou pela venda do mesmo.

O preconceito que rodeia o movimento dos artesãos de rua, principalmente no Brasil, é recorrente e acontece tanto por parte da sociedade, assim como do poder público e mídia. Por conta disso, boa parte da sociedade confunde-se ao se direcionar aos artesãos como artistas, ao invés disso, direcionam-se à eles, boa parte das vezes, como pessoas em situação de rua. Já o poder público apresenta dificuldade em compreendê-los como artistas, isto é, um grupo que compõe a diversidade cultural brasileira, reprimindo-os, marginalizando-os e os privando de seus direitos, seja direta ou indiretamente (Taylor, 2013).

Desta forma, a sobrevivência e integralidade vêm sendo seriamente ameaçadas pela institucionalidade de vários municípios que colocam limitações para o artesão exercer sua arte. Por isso faz-se importante lançar luz sobre essa expressão cultural, que por sinal, não seria a legitimada pelas instituições nacionais, o que comprova a invisibilidade social que sofrem por serem, na maioria das vezes, desconhecidos do poder público, segundo Jesús Martin-Barbero (2009, p. 155),

Essas “cidadanias culturais” não somente inscrevem as “políticas de identidade” dentro da política de emancipação humana, como também repensam profundamente o próprio sentido da política, colocando em evidencia até que ponto as instituições liberais democráticas ficaram pequenas para acolher as múltiplas figuras da diversidade cultural que tencionam e rompem as nossas sociedades justamente porque elas não cabem nessa institucionalidade.

A realidade é bem difícil, a rotina do trabalho de rua traz muitos riscos a estes profissionais, primeiramente pelo preconceito e a discriminação existente em nossa sociedade e direcionada à estes artistas, que tentam cada vez mais serem inseridos como trabalhadores, mas ainda são vistos como pedintes e diariamente tornam-se vítimas de marginalização, desvalorização, preconceito ou estereótipos que acontecem tanto por parte da sociedade, quanto por parte do poder público, da mídia e da própria classe, isso

porque a questão de trabalho humano reconhecida, quase que unicamente, é do sujeito enquanto trabalhador colocado numa posição alienada e subordinado a um sistema dominante, diferente do que estes profissionais propõem, que seria uma forma específica de organização, relações mais livres e autênticas do sujeito com o seu produto e de como efetuar o seu trabalho (Taylor, 2009). Segundo Buscariolli, Carneiro e Santos (2016, p. 892), as pessoas jovens que frequentam os locais onde há artistas de rua, normalmente são mais receptivas, as vezes param para admirar o trabalho

O público jovem não se resumiu apenas a crianças, já que foram notados muitos adolescentes e jovens adultos, na faixa dos vinte anos de idade, nas observações. Muitos deles passavam pelos locais devido à proximidade com shoppings e outros estabelecimentos de entretenimentos próximos dos locais de observação. Apesar de muitos dos jovens não contribuírem financeiramente, a maioria absoluta desse público tinha apreço e parecia reconhecer o trabalho dos artistas.

Contudo as atividades artísticas feitas pelos artesãos nas ruas, além de dar origem a bens materiais e imateriais, também são simbolismos de identidades e memórias dos diferentes grupos que formaram e ainda formam a sociedade brasileira (Rocha & Eckert, 2016).

Há também os riscos ligados a legislação, pois a arte de rua não é regulamentada em todos os municípios do país, e nos que são, passam por constantes modificações. Quem trafega pela cidade de Criciúma em Santa Catarina – Brasil é sempre convidado a participar de um espetáculo. As vertentes artísticas são bastante variadas, é possível encontrar artistas de circo, música, teatro, e principalmente de artesanatos.

Basta caminhar ou circular de carro alguns metros para tornar-se plateia destes profissionais que optaram trocar o traje formal por roupas coloridas e pinturas de rosto, o ar condicionado dos escritórios pelas várias horas debaixo de sol e chuva, as planilhas e computadores por instrumentos musicais, bolinhas, arcos e tantas outras ferramentas que utilizam assim como também a liberdade corporal para estarem diariamente se apresentando nas ruas. Desta forma, eles ocupam os espaços públicos da cidade para estarem trabalhando com arte.

Atualmente na cidade de Criciúma em Santa Catarina - Brasil, existe a Lei Ordinária Nº 6670/2015, alterada pela lei 7.231, de 20 de junho de 2018, que dispõe sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos, a comercialização de sua autoria, e das outras providências. De acordo com a Lei o artista de rua precisa passar por um cadastramento prévio junto a Fundação Cultural de Criciúma e no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - CENTRO POP, sendo que este último fornecerá um crachá identificador e disponibilizará um colete reflexivo de segurança para que os mesmos sejam vistos, durante a noite, evitando acidentes. Assim os motoristas podem se sentir mais seguros quanto a identificação desses artistas. No entanto, a lei não inclui os artesãos de rua (Criciúma, 2018).

O artesanato contribui para o desenvolvimento de uma região, valorizando as características culturais, recursos locais, ampliando as diversidades como fonte de inspiração de novas formas de consumo e agregando valor a essa nova ótica econômica.

Diante desta realidade o presente estudo trata-se de uma pesquisa com artistas de rua, mais precisamente artesãos, da cidade de Criciúma/SC, objetivando analisar suas vivências neste contexto de trabalho.

2. METODOLOGIA

O presente artigo é de natureza descritiva, na qual os dados para as intervenções foram obtidos através da observação participante e da entrevista semiestruturada, composta por 5 perguntas, realizada com 5 artistas de ruas da cidade de Criciúma/SC, sendo que destes, 2 formavam um casal e trabalham juntos há 3 anos, 2 deles eram pai e filha Uruguaios que há 1 ano percorrem o mundo expondo suas artes e a outra fabricava suas artes e vendia sozinha. O objetivo da entrevista se baseia em levantar dados sobre a experiência de ser um artista de rua, os fatores que motivaram a escolher esta forma de expressar a arte, as situações de preconceitos e as representações que tinham daquele ambiente que estava a sua volta, ou seja, da banca com os produtos que fabricavam.

3. RESULTADO E DISCUSSÕES

De acordo com os dados obtidos através da observação e da entrevista, foi possível analisar que a forma escolhida de expor a arte em espaços públicos por estes 5 artistas tem tanto um caráter relacionado à sua sobrevivência e de sua família, mas, também envolve uma expressão de cultura e principalmente valores e crenças. Os entrevistados produzem pinturas, filtros dos sonhos, artigos em lã, brincos, colares, pulseiras, anéis e outras peças que são diariamente confeccionadas com criatividade, tornando-se únicas. Mas, estes artistas ainda são vítimas de muito preconceito e repressão por escolher uma forma de trabalho que talvez não seja aquela tradicional que boa parte da população vivencia.

Com relação a experiência de ser um artista de rua, ficou evidente que os artistas entrevistados estão trabalhando com o que gostam, e isto faz parte da construção de suas identidades, mesmo diante do preconceito que enfrentam constantemente.

“[...] estou aqui porque gosto do que faço se não fosse por amor eu já tinha saído, pelo fato do preconceito, pois as pessoas são muito ignorantes. Mas eu gosto do que faço e vou continuar aqui, eu digo que até quando eu estiver de muletinha vou ficar aqui.” (A., há 18 anos trabalha como artesã na rua).

“A experiência de ser artista de rua é que nós gostamos, deixamos tudo para trás para viver assim e temos contato com todo o tipo de pessoa, classe social, como é, como são as pessoas, como vivem, o que fazem, além dessa proximidade com o outro, por que também sofremos preconceito, as pessoas passam e não sabem o que é, o que a gente tá mostrando e fazendo[...].” (Casal de hippies artistas de rua que estão há 3 anos trabalhando juntos).

“[...] nós trocamos tudo o que fazíamos, hoje podemos nos expressar buscamos encontrar sentimentos de dentro de nós e mostrar um mundo diferente para nossos filhos e isso está sendo muito bom. Isso é um projeto de Deus, um sonho. Quero fazer coisas diferentes.” (Pai e filha, artistas de rua Uruguaiois que percorrem o mundo há 1 ano).

Segundo Lefebvre (1969), a arte de rua, é um tipo de intervenção urbana, que contempla a expressão da liberdade artística e as motivações identitárias ou contestatórias, caracterizando as formas mais puras e originais de expressão através da

arte. Diógenes, Campos e Eckert (2016) complementam tal ideia, ao evidenciar que na arte estão presente o estatuto e a ideologia do artista de rua, abolindo o privilégio da arte como algo elitista. Na perspectiva de uma linguagem própria a arte de rua favorece a criação de dispositivos comprometidos com a realidade sociocultural, na condição de mecanismo de resistência à massificação (Diógenes, Campos, & Eckert, 2016).

Diversos fatores contribuem para que os artistas escolham ir para locais públicos, expressar sua arte, mas de modo geral, os entrevistados relataram como ser uma espécie de dom, ou por ser algo que descobriram que sabiam fazer e que despertava seus interesses. Além disso, é uma forma de sair do sistema organizacional que atualmente parece estar tornando as pessoas mais competitivas e individualistas ou produzindo espécies de trabalhadores alienados. As falas abaixo remetem a esses fatores,

“Estava buscando sair do sistema, se expressar através da arte e mostrar um mundo diferente aos nossos filhos. E todos crescem individualmente com essa experiência.” (Pai e filha, artistas de rua Uruguaianos que percorrem o mundo há 1 ano).

“[...] O artesanato foi um dom! [...] eu acho que já nasci com isso, e quando precisei aprimorei.” (A., há 18 anos trabalha como artesã na rua).

“Eu descobri que sabia fazer e descobri que gostava disso, tive apoio dos meus pais e já fazem 30 e poucos anos que estou vivendo assim [...]” (Casal de hippies artistas de rua que estão há 3 anos trabalhando juntos).

Várias são as razões que despertam nestes indivíduos o desejo de irem para as ruas expressar sua arte, de acordo com Lefebvre (1969), as artes são momentos de negação que apontam as transformações em curso nas sociedades, assim como obras de “desconstrução construtiva“, dessa forma, a arte se traduz como um instrumento de percepção de si e do meio, e de reconhecimento da realidade. Marshall McLuhan (1964) corrobora com Lefebvre (1969), ao afirmar que essas diversas formas de se expressar, podem modificar as relações sensoriais, alterando dessa forma, a percepção de mundo desses indivíduos, modificando suas relações.

Nesse contexto a arte torna-se um dispositivo importante na construção ativa de respostas individuais e coletivas, como instrumento ideológico se propõe à superação de situações de exclusão e de privação. Assim, a na condição de recurso simbólico de

resistência cultural, oferta um meio da transformação social, por meio da propagação de novas ideias (Laranjeira, Iriart, & Luedy, 2018). Em Criciúma existe a Fundação Cultural que é vinculada ao poder público municipal do município, foi instituída em 1993, e é uma fundação sem fins lucrativos, que tem o objetivo de fomentar e difundir a prática de atividades culturais artísticas e turísticas no município e devem fornecer auxílio nas demandas dos artistas, os entrevistados Uruguaios apontaram que foram muito bem acolhidos em todo o Brasil e em Criciúma. Os demais mencionaram que este contato com a fundação ocorre principalmente no sentido de averiguar denúncias, na maioria das vezes, advindas de outros artistas de rua. Os artesãos, como é o caso dos entrevistados, necessitam de um Alvará da prefeitura, mas mesmo pagando-o, não se sentem amparados, visto que isto, não os garante nenhum benefício ou apoio.

“Estamos aqui em Criciúma juntos trabalhando já fazem 3 anos e meio, mas eu sozinho estou a 13 anos, só que nunca tivemos nenhum apoio, a gente tem que ir buscar o apoio, dizer o que somos, o que fazemos, nosso interesse de estar aqui, a cultura de Criciúma quase não existe [...] A prefeitura não oferece nenhum tipo de benefício, nem pagando alvará, não oferecem nenhum direito e nem explicam nada, com o alvará feito o nome fica lá e a dívida só vai crescendo, e é cobrado além do alvará um imposto injusto, pois não prestamos serviços, não deveríamos pagar e nós atualmente não estamos pagando.” (Casal de hippies, há 3 anos trabalhando juntos).

“Até pela prefeitura tem preconceito. Tanto que essa semana fui chamada pela casa da cultura. Veio um menino que eu o ajudei a trazer para Criciúma, e me denunciou. Eu trabalho com artesanato, porém alguma coisa às vezes eu pego algo de fora, mas eu falei para do diretor, eu sou isenta do artesanato, mas aí eu pago para a prefeitura para trabalhar, o alvará. Então como pago para a prefeitura eu posso revender.” (A. há 18 anos trabalha como artesã na rua).

Um fato que chama muito atenção é que 3 artistas entrevistados, levantaram reclamações sobre a desunião do próprio movimento, ocorrendo denúncias de uns para os outros, situações de preconceitos de dentro da classe dos próprios artistas que trabalham no mesmo local, é como se cada um quisesse adquirir seu espaço de forma individual, e às vezes tentam prejudicar com o trabalho do outro. E assim, deixam de juntos tentar lutar para intensificar esta cultura, adquirindo mais valorização.

Bourdieu (1989) define esse contexto como “classes de papel” os agrupamentos fictícios que só existem no papel, segundo o mesmo,

Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer, conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes. Esta classe no papel tem a existência teórica que é das teorias: enquanto produto de uma classificação explicativa, perfeitamente semelhante à dos zoólogos ou dos botânicos, ela permite explicar e prever as práticas e as propriedades das coisas classificadas – e, entre outras coisas, as das condutas de reunião em grupo. Não é realmente uma classe, uma classe atual, no sentido de grupo e de grupo mobilizado para a luta; poder-se-ia dizer, em rigor, que é uma classe provável, enquanto conjunto de agentes que oporá menos obstáculos objetivos às ações do que qualquer outro conjunto de agentes (Bourdieu, 1989, p.136).

Para o autor, a “classe” somente existe quando determinado grupo se impulsiona para a luta, contudo, para que este movimento seja possível, não há espaços para a desunião. Tal concepção é bastante próxima da que Thompson (2001, p. 275) propõe, ao dizer que só é possível falar em classe se “[...] pessoas, diante de outros grupos, por meio de um processo de luta (o que compreende uma luta em nível cultural), entrem em relação e em oposição sob uma forma classista [...]”

Uma classe não pode existir sem um tipo qualquer de consciência de si mesma. De outro modo, não é, ou não é ainda, uma classe. Quer dizer, não é “algo” ainda, não tem espécie alguma de identidade histórica” (Thompson, p.279). “Não se passa da classe-no-papel à classe “real” a não ser por um trabalho político de mobilização: a classe real, se é que algum dia ela existiu “realmente”, é apenas a classe realizada, isto é, mobilizada, resultado da luta de classificações como luta propriamente simbólica (e política) para impor uma visão do mundo social ou, melhor, uma maneira de construí-la, na percepção e na realidade, e de construir as classes segundo as quais ele pode ser recortado” (Bourdieu, 1989, p.26).

Isto é, se os membros da mesma classe não se identificam como tal, ou seja, não se comportam de modo classista, o que segundo Bourdieu (1989) acarreta impor essa identidade socialmente, não existe classe seja qual esta for a não ser na mente do intelectual. Assim é a identidade de classe que constitui a classe artística e não a classe artística que constrói uma identidade de classe.

O preconceito envolve todos os grupos sociais, principalmente aqueles que são mais frágeis. Com relação à isso, alguns artistas de rua vieram a relatar que devido aos seus trabalhos serem expostos na rua ou em praças, é comum algumas pessoas criticarem e desvalorizarem suas artes, seu modo de vestir ou estilo de vida.

“Sofremos o preconceito das pessoas não saberem distinguir e diferenciar nosso trabalho destes outros, e que as pessoas também acham que todo mundo que ta na rua tem que ser drogado ou alguma coisa do tipo, estereótipos [...]” (Casal de hippies, há 3 anos trabalhando juntos).

“Já vivenciei sim, tanto pela prefeitura como pelas pessoas, de fiscais revirando minha bolsa [...], é denúncia eles são obrigados a averiguar [...]. Os próprios artesãos não aceitam se tu tens mais que eles”. (A. há 18 anos trabalha como artesã na rua).

A discriminação sofrida por eles ocorre tanto de pessoas de fora, como também de dentro de sua própria realidade. O artista de rua visa quebrar a barreira do preconceito, e pode expor seu modo de viver para o mundo de uma maneira onde ninguém os questione, mas acaba sendo estigmatizado por seu contexto de trabalho.

Goffman (1988) comprova que o conceito de estigma é aplicado em casos onde uma característica observável é evidenciada e interpretada como “um sinal visível de uma falha oculta, iniquidade ou torpeza moral proporcionando ao sujeito um sinal de aflição, fraqueza ou motivo de vergonha” (p 12-13). A partir desta definição, segundo Goffman, é possível concluir que o indivíduo portador de alguns desses traços, ou interpretado como portador desses, é facilmente identificável como menos desejável, inferior, ruim, preguiçoso e perigoso. O conceito indica que a inferioridade do caráter ou fraqueza moral do indivíduo que é visto como portador dessa marca, título atribuído pelos demais membros da sociedade, funciona como elemento que predetermina a conduta desses sujeitos.

Conforme pesquisa de Chiesa, Gois De Luca e Cavedon (2015) o espaço em que o artista está também seria, estigmatizado, percebido com um lugar de sujeira e insegurança. Além disso, os autores ainda salientam que no contexto de mecanização de produção o artesanato torna-se subjugado e ocorre a desvalorização do produto, e consequentemente de seu produtor. Desse modo o artista é associado à insegurança das ruas e desvalorizado por seu trabalho manual. Rocha e Eckert (2013) sobre o estudo da violência urbana percebem que as interações sociais são direcionadas e limitadas pelo medo no espaço urbano.

A arte é a identidade do artista de rua, é ali que ele vai revelar suas emoções e os mais profundos sentimentos. Pela arte eles se realizam, se sentem independentes, e

conectados com seu eu interior. Para estes, o lugar onde utilizam para expor suas artes ganha uma forma simbólica do seu próprio lar.

“Isso aqui é o meu sustento, minha segunda casa. Eu sinto falta quando não venho para cá [...]”. (A. há 18 anos trabalha como artesã na rua).

“Ah, aqui é um paraíso da arte, onde temos para mostrar o que a gente faz, o que a gente tem, aqui é um lugar de energia pra nós, nosso meio ambiente e que a gente procura preservar [...]”. (Casal de hippies, há 3 anos trabalhando juntos).

“Sinto muito bem ao ver minha mulher realizada, minha filha fazendo crochê. Os jovens deveriam se afastar da tecnologia. ” (Pai e filha. Uruguaios, viajando á 1 ano).

Dado similar foi relatado por Gomes, Krüger e Felício (2015) em suas entrevistas com artistas de rua em Joinville - SC. Os autores destacam que para além da noção de espaço de trabalho as ruas são apontadas como lar, por possibilitarem relações sociais e culturais, além de novas perspectivas de vida. Segundo Gomes, Krüger e Felício (2015, p. 37) quando se está fora de casa, o lar passa a ser constituído pelos amigos, que podem não compartilhar “as origens ou os hábitos, mas compartilham o sentido de fazer e ser”.

Diante dos resultados obtidos e da análise das entrevistas, percebe-se que os artistas de rua necessitam de intervenções através de ações, encontros, rodas de conversas dentre outros métodos, que possam identificar quais as representações sociais que a população em geral tem destes artistas, possibilitando trabalhar na construção de novas representações que promovam a pertença social dos artistas de rua, minimizando o preconceito que enfrentam. Com isso, a intervenção poderá ocorrer através de encontros que permitam o conhecimento de novos artistas de rua que contribuam na execução do projeto proposto, além daqueles que foram entrevistados. É fundamental desenvolver ações que aproximem a população e os artistas, ressaltando a importância deste tipo de arte na construção da identidade de cada um que escolhe as ruas para se expressar, bem como o valor destes para a cultura do município. Percebe-se como relevante a realização de oficinas de curta duração, ministradas pelos artistas de rua, para que a população possa estar visualizando na prática como eles expressam a arte, seja ela dança, malabarismo, pinturas, artesões, dentre outros. Além disso, para ampliar essa cultura, acredita-se que é fundamental realizar uma roda de conversa com os

artistas de rua, se possível os representantes da Fundação Cultural de Criciúma e os universitários, para que os acadêmicos de outras regiões também possam fazer parte do projeto de intervenção, dialogando sobre a rotina destes artistas. A fim, de intensificar o apoio que os artistas recebem da Fundação Cultural de Criciúma – SC, verifica-se como essencial a realização de um espaço de diálogo entre os artistas de rua e a Fundação Cultural de Criciúma, para que eles possam tomar mais conhecimento de seus direitos a partir da explicação da instituição, e posteriormente apresentarem aos responsáveis pela Fundação quais as demandas e necessidades emergentes do movimento. Visando tornar o encontro mais dinâmico, sugere-se que os artistas possam levar fotos de suas rotinas diárias, para que os responsáveis possam analisar as demandas apresentadas a partir da ótica dos próprios artistas. E por fim, e talvez uma das mais importantes intervenções é a execução de momentos em que os artistas de rua possam debater sobre o preconceito que sofrem dentro do próprio movimento, ou seja, de um artista para o outro, alcançando uma melhor integração entre todos, estabelecendo uma compreensão do valor de trabalharem juntos em busca de conquistas positivas para todo o ambiente social de trabalho. Assim como, mudar alguns conceitos existentes entre os indivíduos do grupo, possibilitando uma vivência mais verdadeira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das entrevistas feitas com os artistas de rua e pesquisas sobre o tema foi possível perceber como o trabalho produzido por eles é importante em suas vidas e como isto reflete em seus comportamentos e relacionamentos. Existe clara percepção de que fazem este trabalho e levam este tipo de vida por amor e por buscarem um maior desenvolvimento tanto pessoal quanto familiar, mesmo podendo enfrentar diversas dificuldades. A arte é exposta por eles como um pedaço de si mesmo, mostrando ao mundo seu próprio valor e beleza.

A partir das entrevistas elaboradas com os artistas e artesãos de rua, foi possível verificar o imensurável valor que estes atribuem à sua arte, podendo ser ela o sustento da casa, a formação dos filhos, um meio de conhecimento e crescimento, mas além de tudo, um pedaço si em cada peça exposta. No entanto, foi possível perceber o quanto estes artistas sofrem com o preconceito existente principalmente dentro da própria classe artística, exibindo a desunião existente entre estes. Além disso, foi possível

evidenciar a falta de suporte e apoio por parte do município. A partir da entrevista foi constatada a necessidade de um projeto de intervenção que vise estabelecer a união entre a classe artística, a aproximação com os meios jurídicos a fim de obterem maiores informações sobre seus direitos. Por fim, a pesquisa vem a revelar a busca constantemente de respeito dessas pessoas dentro de seus locais de trabalho.

REFERÊNCIAS

Artistas na rua. Disponível em: < <http://www.artistasnarua.com.br/textos/origem-da-arte-de-rua>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

Bomfim, G. A (1999). *Formas do design*. Rio de Janeiro: 2AB

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Tradução: de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Buscariolli, B., Carneiro, T. A., & Santos, E. Artistas de rua: trabalhadores ou pedintes?. *Cadernos Metr pole.*, 18(37), 879-898.

Poder legislativo de Criciúma. Constitui o (2018) Lei Ordinária N  7231/2018. Disponível em: < <http://www.camaracriciuma.sc.gov.br/documento/lei-ordinaria-no-7231-2018-30118>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

Chiesa, D. C., Gois, P. H., De Luca, G., & Cavedon, N. R. (2015). "Tramando arames, pedras e fios": espaço e estigma no trabalho de um artista. *Ciências Sociais Unisinos*, 51(1), 32-41.

Costa, M. S. (2010). Trabalho informal: Um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. *Caderno CRH*, 33(58), 171-190.

Diniz, M., & Diniz, M. (2009). Arranjo produtivo do artesanato na Região Metropolitana de Belém: uma caracteriza o empírica. *Novos Cadernos NAEA*, 10(2).

Goffman, E. (1988). *Estigma- notas sobre a manipula o da identidade deteriorada* (4^a ed.). Rio de Janeiro: LTC EditoraGomes, A. H. Krüger, F. C., & Felicio, T (2016). Palcos em passagem: um recorte sobre multiartistas e alguns sentidos da arte de rua. *Integratio*, 2(1), 28-40.

Laranjeira, D. H., Iriart, M. F., & Luedy, E. (2018). Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investiga o em Antropologia*, 22(2), 427-452. Lefebvre, H. (1969). *Introdu o   Modernidade*. Paz e Terra: Rio de Janeiro.

Martín-Barbero, Jesús. (2009). Desafios políticos da diversidade. *Revista Observatório Itaú Cultural*, 2 (8). São Paulo, SP: Itaú Cultural, 179-210.

Mcluhan, M. (1964). *Os meios de comunica o como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, .

Murente, V. S.(2005) A experiência de si no trabalho nas ruas através da fotocomposição. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Rocha, A. L. C., & Eckert, C. (2016). Arte de rua, estética urbana: relato de uma experiência sensível em metrópole contemporânea. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, 47(1), 25-48.

Rocha, A. L. C., & Eckert, C. (2016). *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual.

Santos; T; S. (2013) *Desenvolvimento local e artesanato: uma análise de dois municípios de Minas Gerais*. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras.

Taylor, D. (2013). Performando a cidadania: artistas vão às ruas. *Revista de Antropologia*, 56(2), 137-151.

Thompson, J. E. (2001).As peculiaridades dos ingleses. IN: Negro, A. L.; Silva, S. (orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 3. ed. Campinas: Unicamp.